

RECENSÕES

HAAG, Herbert: **Breve Dicionario de la Biblia** (Biblioteca Herder Sección de Sagrada Escritura vol. 152) Tradução do original alemão de Xavier Moll. 658 colunas, 34 figuras, 21 x 14 cm. Editorial Herder, Barcelona, 1976.

Não se trata de uma simples condensação ou resumo do grande dicionário bíblico, publicado pelo mesmo autor respectivamente editor, seja em alemão (1968²), seja em espanhol (1970⁵, 1976⁶), mas da tradução dum dicionário bíblico abreviado, publicado pela Herder da Alemanha. Nesta obra abreviada todos os verbetes foram revistos e reformulados ou mesmo redigidos de novo. Assim resultou um volume bem apresentado e manejável e muito rico em informações atualizadas sobre as pessoas, lugares, objetos e instituições e também sobre todos os livros que aparecem na Bíblia. Este dicionário certamente prestará bons serviços e uma primeira ajuda na leitura e estudo dos livros sagrados, devendo-se, é claro, recorrer ao grande dicionário ou outros similares para maiores esclarecimentos e explicitações, inclusive para bibliografia, que foi omitida completamente.

Um dicionário assim apresenta dificuldades para a revisão. Passei verbete por verbete,

sem, porém, ler tudo, apenas me demorando em alguns. Pelo que vejo, por via de regra, os verbetes orientam bem e seguramente, e sob este ponto de vista a obra realiza o que promete no prólogo. Como exemplos de pontos atualizados cito a inscrição latina, encontrada no teatro de Cesaréia Marítima na Palestina, na qual pela primeira vez aparece o nome de Pôncio Pilatos (cc. 501-02); no verbete Templo é mencionado o santuário javista do século 10 a.C., escavado em 1963 em Tell Arad, no Néguev (c. 591. 50/51); é igualmente interessante o verbete Excavaciones (221-225).

Menos clara é a menção da indústria de metal como fonte de entradas para cobrir os gastos das muitas construções de Salomão (c. 550/51); a citação de 1 Rs 7,46 teria bastado para prevenir o leitor curioso contra as assim chamadas, mas inexistentes "minas de cobre de Salomão". Além disto nestas fundições de minério ou bronze no fosso do Jordão, Transjordânia,

se fala dos objetos e vasilhas de bronze para o templo e portanto dificilmente se trataria de fontes de entradas.

Por vezes eu teria gostado de ver incluídos mais pessoas ou verbetes ou ainda verbetes mais amplos. No verbete *Ana* (c. 33) falta a mulher do velho Tobias e a viúva de Lc 2,36, ao passo que é mencionada Sara, esposa do jovem Tobias. Não encontrei verbete sobre os *milagres*, embora no verbete *Jesus* se fale de seus milagres (c. 331). O próprio verbete *Jesus* me parece muito reduzido: não chega a duas colunas e meia! (cc. 330-33), quando Pablo conta seis e meia (459-65) e Qumrán sete (cc. 520-26). Também não encontrei verbete especial sobre a oração.

Não é bem exato o que se afirma no fim do verbete *Ararat*, a saber que mais tarde (alusão à gradição sacerdotal) o nome da região passou a designar uma só montanha (Gên 8,4 onde pousou a arca de Noé). O TM dá "os montes de Ararat" como lugar desta paragem, logo não se refere a um pico determinado.

O que se diz do *parto virginal* (porque não concepção virgi-

nal?) de Maria deixa perplexo, quando como último argumento contrário se alega que tal intervenção milagrosa de Deus não se pode sustentar a partir dum ponto de vista teológico! Mas nós professamos este parto virginal no próprio Credo! Quando se consulta o grande *Bibel-Lexikon* de 1968², vê-se que esta afirmação é *objeção* contra o parto virginal, à qual o autor do verbete procura dar uma resposta do ponto de vista católico, embora expressando-se pouco claramente.

No fim do verbete *Demonios* se diz que as afirmações neotestamentárias sobre demônios pertencem à concepção do mundo de então e não têm nada a ver com uma revelação obrigatória. Isto é muito sumário e categórico e deixa de lado inteiramente o comportamento e a doutrina de Jesus. No verbete *Sumer e sumerios* (c. 578) há um ponto obscuro: en la parte norte, Mesopotamia (...), demonio (sic!) Kis e luego Akkad. Não deveria ser "dominó"?!

P. J. Balduino Kipper S.J.

BALLARINI, Teodorico — GALBIATI, Enrico — MORALDI, Luigi: *Pentateuco*. (Introdução à Bíblia com Antologia exegética II/1). Traduziu Ephraim Ferreira Alves. 367 pp., 31 ilustrações, 24 x 17 cm. Editora Vozes. Petrópolis. RJ. 1975.

Qualquer Introdução Bíblica visa a ajudar o leitor dos livros

sagrados a entender em melhor os antigos textos que ele aborda e

tantas vezes acha fascinantes e estranhos. Este fim geral e primário a presente Introdução, traduzida do original italiano de 1969, certamente o preenche. À maneira de introdução apresenta uma bibliografia geral do AT, trata do âmbito, conteúdo e ordem dos livros do AT e traz uma exposição sobre a unidade dos dois Testamentos. A seguir dá no c. 1 a introdução geral ao Pentateuco (p. 33-91), no c. 2 trata do Gên (p. 93-244), consagrando o c. 3 aos livros do Êx, Lev, Núm e Dt (245-359). O volume conclui com Índices muito úteis. Entre as págs. 144 e 145 acham-se inseridas 31 ilustrações um tanto apagadas, é verdade, mas úteis para mostrar diversos pormenores que dizem respeito ao Pentateuco.

Vindo a pontos mais concretos, encontramos as análises ou resumos bastante alentados dos 5 livros deste volume: Gên (p. 98-121), Êx a Dt (261-298), entremeados de aspectos doutrinários etc. O que dá particularmente na vista nesta Introdução são as **amplas Amostras de Exegese**: são quase 100 pgs. para a história dos primórdios (p. 149-237) e 8 para as bênçãos de Jacó (p. 237-244), ao passo que o Êx recebe 59 pgs. (301-59), das quais 18 cabem ao Decálogo (342-359).

O que confere ao livro valor particular são as ricas **bibliografias** que acompanham os diversos setores tratados.

Os autores deste volume se mostram ao par dos progressos

bíblicos dos últimos decênios; a título de exemplo cito as exposições sobre o sentido e alcance do nome "Javé" (p. 304-306) e sobre a aliança à luz dos antigos tratados orientais. Mas apesar da sua atualização, os autores mostram-se sempre criteriosos, discordando por vezes de posições recentes que citam. Desta maneira, por via de regra, o estudioso da Bíblia tem guias seguros.

O que me deixou um tanto decepcionado foi o **excurso sobre o dilúvio** (p. 221-224): não sei se a historicidade deste evento se deve pôr em tais termos; além disto, não vejo bem como se pode falar duma universalidade geográfica e antropológica apenas **relativa**, quando o sentido óbvio dos textos indica um dilúvio universal que cobriu toda a terra e matou todos os homens e animais terrestres fora da arca; além disto Noé é o pai da nova humanidade. É claro que esta universalidade apresenta para nós dificuldades insuperáveis — mas o **essencial** é que o autor ou os autores bíblicos não viram nisto dificuldades **teológicas**. De resto a nota 37 mostra que os autores não se sentem muito seguros na posição assumida.

Outros pontos que merecem reparos:

1. O **tipo das notas** e de muitas bibliografias é muito pequeno e quase ilegível, o que é de lamentar, pois em geral elas são muito boas.

2. Pelo que vejo, as **bibliografias** reproduzem simplesmente o original italiano; ora para o leitor brasileiro ou de língua portuguesa seriam muito interessantes as obras e artigos nesta língua. Na Bibliografia Geral do AT é mencionada a Introdução de **Robert e Feuillet** (p. 17); Ora esta vasta obra foi publicada em português pela Herder de São Paulo em 1967. Existe igualmente a obra de D. Estêvão Bettencourt. Para Entender o AT. 1956. 1960. Além disto, a propósito do gênero literário da história dos primórdios entre outros é citado **L. Arnaldich**, *El origen del mundo y del hombre según la Biblia*, Madrid 1958²; ora existe tradução portuguesa de 1958. De Galbiati e Piazza, *Pagine difficili...* 1951. 1966¹¹ (p. 121) existe tradução portuguesa de 1959. Temos igualmente a obra de E. Bettencourt, *Ciência e Fé na história dos primórdios*, Rio 1954. 1958³. No tocante à aliança poderia ter citado à pg. 327 ou 359 o trabalho de Mons. Oto Skrzypczak, *Origem da idéia da Aliança entre Deus e Israel*. Resposta a objeções contra tese recente, em *Atualidades Bíblicas*. Miscelânea em memória de Frei João José Pedreira de Castro. Editora Vozes, Petrópolis 1971, 41-54.

3. Atualização de alguns dados

Em vista da atividade intensa em torno do AT, as obras facilmente envelhecem. Assim a propósito do **dicionário hebraico** de Zorell (p. 18) convém saber que o *Lexicon Linguae Aramaicae*, da autoria do Pe. E. Vogt, veio a lume em 1971. Quanto aos textos bíblicos (p. 18), neste meio-tempo, de 1968-76, a *Bíblia Hebraica* de Kittel saiu em nova apresentação na assim chamada *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

As notícias muito interessantes e úteis sobre as escavações, devem agora ser complementadas pelos riquíssimos achados em Tell Mardik, antiga Ebla, no N da Síria, onde, em 1974 e 1975, arqueólogos italianos desenterraram 15.000 tabuinhas cuneiformes do 3º milênio a.C. (2400-2250), contendo informações muito interessantes e trazendo à luz nova língua semítica, o eblaita.

4. **Erratas:** encontrei as seguintes: p. 96, nº 2, linha 4 deve ser Jos 24,2 ss, e não Jz; p.98, linha 4 deve ser 11,27, e não 1,27; p. 130, linha 15, deve ser quando, e não quanto.

Em suma: apesar destes pequenos senões, esta introdução ao Pentateuco pode ser vivamente recomendada.

P. J. Balduino Kipper S.J.

ORELLA, J. L. — LUZARRAGA, J. — AMENGUAL BATLE, J. — SANS, I.: **Temas Bíblicos en la Historia.** (Teología: Deusto, nº 2). 272 pp., 22 x 15 cm. Universidad de Deusto. Mensajero. Bilbao, Espanha. 1973.

1. J. Luzárraga, LA NUBE EN EL MONTE SINAI (p. 7-40).

O presente trabalho é parte dum volume mais amplo intitulado "las Tradiciones de la Nube en la Biblia y en el Judaísmo Primitivo", o qual no mesmo ano de 1973 veio à luz na série *Analecta Biblica*, do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. O nosso estudo mostra como o tema da nuvem no Monte Sinai (Êx cc. 19 e 24 etc.) evoluiu primeiramente nas próprias tradições bíblicas, a saber a eloísta, javista, sacerdotal e deuteronômística, e em seguida no judaísmo posterior, isto é, na Versão dos Setenta, Jesus Siraque, Filão de Alexandria e Seudo Filão, nos Targuns e midraches, e nos rabinos etc., encontrando, por vezes, ecos nos escritores eclesiásticos antigos, como Clemente de Alexandria. A evolução tem como ponto de partida os textos bíblicos e depois se amplia e ramifica. Exemplificando: O eloísta vê uma nuvem pesada sobre o monte ("nuvem de tormenta"), o javista fala da fumaça que desceu sobre o monte ("nuvem de fumaça") e a tradição sacerdotal, que combina as duas formas, faz a nuvem cobrir o monte ("nuvem de glória").

Mas por vezes a tradição chega a extremos inesperados e

pitorescos: O fato de Moisés ter entrado na nuvem (Êx 24, 18) sugere a Rech Laquich (4º séc. d.C.) que ele teve de ser santificado, para poder entregar a Israel a **Toráh**. E esta santificação foi considerada por outros como purificação e mesmo como um purgante..., efeito do jejum prolongado no monte...

2. J. Amengual Batle, LA EXEGESIS DE Jn 6, 44-45, EN EL PERIODO DE LAS CONTROVERSIAS PELAGIANA Y SEMI-PELAGIANA (p. 41-161).

Este trabalho reproduz, com leves retoques, os cc. 2 e 3 da segunda parte da tese de doutorado na Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana de Roma, apresentada pelo autor, em 1969-70, sob o título: *La atracción del Padre y la fe en Cristo, Historia de la exégesis de Jn 6, 44-45, em relación con la doctrina de la gracia.*

Na parte da tese aqui publicada Amengual trata da exegese de Jo 6, 44-45 no período das controvérsias pelagiana e semi-pelagiana. Concretamente trata numa primeira parte bem mais ampla da explicação desta passagem por S. Agostinho (pgs. 45-135) e numa segunda parte mais breve das explicações desde Agostinho até o segundo concílio de Orange em 529 (p. 136-161). Além dos textos de S.

Agostinho e dos autores eclesiásticos posteriores, amplamente citados em latim, aparece uma rica bibliografia de estudos agostinianos e outros.

Vamos aqui focar sobretudo a exegese de Agostinho. Depois de algumas páginas de introdução aos primeiros textos do santo doutor antes e depois da sua ordenação episcopal e sobretudo aos Tratados sobre o Evangelho de João (p. 46-52), o autor passa ao tema principal que é a *atracción* ou *attractio*: pgs. 58-135. O estudo se concentra sobretudo no Tratado 26, antipelagiano, que, junto com os tratados 24-54, corresponde à pregação pastoral de Hipona a partir de 419-421. Esta "atração" de Jo 6, 44 s é analisada em oito pontos principais, por exemplo, psicologia da atração (p. 66-76), o Pai que atrai para Cristo (76-92: gratuidade, alvo desta atração, etc.), a atração de Cristo (92-96), atração esta "ostensiva" (p. 96-102; discussão com o Pe. Grasso p. 97-100), o ensinamento do Pai como atração (102-125). Além disto A. trata da tendência para Cristo (p. 126-127), do aspecto trinitário de Jo 6, 44-45 e da consumação escatológica da atração.

No fim desta parte sobre S. Agostinho o autor apresenta algumas conclusões (132-135). Dentre estas destaco as seguintes: Jo 6, 44-45 se constitui evidentemente num testemunho qualificado da absoluta necessida-

de da graça antecedente para crer, porque ninguém pode crer em Cristo, se não é atraído. Neste sentido S. Agostinho enfrentou a questão semipelagiana do "initium fidei" mesmo antes que ela fosse posta expressamente (p. 132). Outra conclusão: A mensagem cristã deve ser *cris-tocêntrica*. Por seu conteúdo e a atitude que provoca, deve reproduzir atualmente as mesmas condições próprias do anúncio histórico de Cristo: este deve ser o conteúdo, como Palavra do Pai, e o Pai e Cristo falam ao coração, para que o homem busque e se encontre com Cristo-Palavra que "manet cum dicente, et trahit audientem" (Tratado 26, 9).

O que dificulta a leitura deste estudo sério e rico, e necessariamente árido, é a falta dum índice analítico do conteúdo no princípio e da bibliografia. Nas citações de textos latinos e alemães e por vezes mesmo do próprio texto espanhol há bastantes erratas.

3. No mesmo vol. 2 da "Teologia-Deusto" ainda são publicados um alentado estudo de J. L. Orella sobre o "De Libero Arbitrio de Erasmo. Estudio Histórico-Teológico de la polémica entre Erasmo y Lutero" (1516-1524) (p. 163-241) e um comentário de I. M^a Sans ao n^o 15 do decreto "Optatum totius" do Vaticano II (p. 243-261).

P. J. Balduino Kipper S.J.

GUILLERMO DE SAINT-THIERRY: De la Contemplación de Dios. De la Naturaleza y dignidad del Amor. La Oración. (Serie Padres Cistercienses 1). 188 pp. Publicación del Monasterio de Ntra. Sra. de los Angeles. (Casilla 34 – 7300 Azul – Argentina). 1976.

GUILLERMO DE SAINT-THIERRY: Diálogo con Dios. Meditativae Orationes. Sacramento del Altar. (Serie Padres Cistercienses 2). 332 pp. Publicación del Monasterio de Ntra. Sra. de los Angeles. Azul. Argentina. 1976.

La Serie Padre Cistercienses se propone publicar las obras espirituales de los principales autores cistercienses del siglo XII. Hay que saludar los dos primeros volúmenes de la misma, que comienza poniendo en nuestras manos varios opúsculos de un pionero de la así llamada "Edad de Oro", que por desgracia es muy desconocida en nuestras Iglesias y no suele suscitar la fiebre de muchos. La iniciativa es un regocijante síntoma del lento pero vigoroso y seguro progreso de la vida monacal en América Latina, pero aspira a ir más allá de ese público y servir también a todas las almas que busquen a Dios inspirándose en una antigua y probada escuela de espiritualidad en la Iglesia como es la de la tradición cisterciense.

Desde la obra monumental del P. Henri de Lubac: *Exégèse Médiévale: Les Quatre Sens de l'Écriture* (Paris, Aubier 1959-1964, 4 Vols. (Col. Théologie) el catolicismo y su teología han sido invitados a recordar las luces que le ofrecen los autores medievales. Es de esperar que

— aunque toda convalecencia exige su tiempo — la teología católica se reponga del colapso en que, desde las rotulaciones calumniosas de la *Ilustración*, ha visto sumido el periodo medieval de la tradición teológica. A ello colabora sin duda la lenta pero segura marcha de publicación del *Corpus Christianorum*, Series Latina (Brepols Bélgica) que nos ofrece la puesta al día crítica del Migne latino. Pero esa y otras colecciones francesas e inglesas no son accesibles a todos. Sin aspirar a ofrecer una traducción castellana definitiva, pero apoyándose en las mejores traducciones francesas e inglesas, los Padres Cistercienses de Azul comienzan a ofrecernos sus fuentes traducidas del latín al castellano.

La importancia de este servicio para la teología, y la espiritualidad para una exégesis bíblica católica que pretenda ser fiel a las directivas de la *Dei Verbum* y al discurso del Papa Pablo VI a la Comisión Bíblica (Cfr. *Revista Bíblica* 36 (1974) 152-158) no lo son menos. Ellas asegurarán al intérprete una ayuda en aquella

segunda etapa de la tarea que le pide la Iglesia: hacer útiles para la teología, la moral, la espiritualidad y la pastoral, los resultados de sus estudios histórico-crítico-filológicos.

Una simple mirada a las referencias bíblicas al pie de página, bastará para convencerse del arraigo escriturístico de esta espiritualidad, que por su apego a la humanidad de Cristo y su ruminación del tema de la Cari-

dad — para citar sólo dos de sus rasgos más salientes — tiene mucho que decir al hombre de hoy.

Bienvenida pues esta iniciativa editorial de los Padres del Monasterio de Azul. La misma se imprime y distribuye por las: **Hermanas Trapenses — Casilla 16 — 7318 HINOJO (B) — Argentina.**

Horacio Bojorge S.J.

COSTA-GAVRAS, Constantin — SOLINAS, Franco: Estado de Sítio (Col. Zoom 3). Tradução castelhana do original francês por Loly Moran e Juan Antônio P. Millan. 204 pp., 21 x 12 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, Espanha, 1975.

Estado de sítio pretende superar os estreitos limites em que se movem habitualmente os chamados "livros de cinema" para converter-se em um autêntico relatório. O "script" da película, realizado em 1972 por Costa-Gavras e Franco Solinas, aparece como um elemento a mais dentro de um conjunto de documentos, entrevistas e textos de imprensa, que têm um objetivo comum: contribuir a desmascarar o verdadeiro caráter de uma "ajuda norteamericana" aos países subdesenvolvidos do continente, mas que remetem sempre à problemática mais ampla do colonialismo contemporâneo. O controle técnico, as vinculações existentes entre o grande capital e seus fiéis guardiães — as oligarquias

nacionais — o adestramento especial das "forças da ordem", o uso sistemático da tortura... e, frente a tudo isto, a luta de um povo por sua libertação e a guerrilha urbana como método.

O cinema, um certo setor do cinema — discutível e discutido a diversos níveis mas existente de fato e com uma inegável projeção "popular", quis aproximar-se dessa realidade e refleti-la em primeira instância.

Ficam de pé, a eficácia política real e o conceito mesmo de "popularidade" em que se apóia o cinema de Gavras, cuja expressão mais acabada até o momento é "Estado de sítio". A coleção zoom que não concebe nenhum cinema desligado da realidade recolheu essa amostra privilegiada e a ofereceu aos

leitores, sobretudo como material informativo (não esqueçamos que a boa parte desses possíveis leitores foi sistematicamente vedada a visão do filme; e pensamos por exemplo nos da Espanha, nos do Uruguai em que se situa a ação ou o Chile onde foi rodado e nos do Brasil que também entra no cenário). O livro oferece informação sobre situações trágicas de palpitante atualidade e base para numerosas e urgentes reflexões e discussões cinematográficas políticas e políticas porque cinematográficas.

Os autores preferem analisar um país, uma época, um fenômeno através de fatos políticos que modifiquem, em um sentido ou outro, a realidade do homem. Gramsci disse: "não podes interessar-te em outra coisas que não seja o que interessa aos homens, ao maior número possível de homens, a todos os homens do mundo, na medida em que se organizam em sociedade e trabalham e lutam e se superam a si mesmo". O cinema não abordou quase nunca, ou o fez de um modo insuficiente, as razões pelas quais há fome, guerra. Isto é o que intenta demonstrar hoje o filme político, delimitar essas razões e essas causas. O cinema é um meio de mostrar, de denunciar os mecanismos políticos de nossa vida cotidiana. De fato é uma ação política a partir do momento em que se tomam responsabilidades ante uma situação, umas pessoas. A questão de fundo de

nossa época do ponto de vista político é o papel de controle que desempenham os Estados Unidos em todo o mundo. Trata-se de provocar, desmontar e explicar este mecanismo na América Latina, ou na Europa, porque o fato de tratar um problema local permite desmontar um mecanismo em escala mundial. Neste sentido é que aparece a embaixada americana em Montevideu não como simples embaixada, mas como um centro de espionagem, de controle, de pressões políticas.

Costa-Gavras visitou pessoalmente a América Latina, o México, o Chile onde estreou seu filme "A confissão". Conversou pessoalmente com Allende e com os representantes da Unidade Popular, continuou sua viagem pela Argentina e Uruguai. Foi sua estada de seis semanas em Montevideu que o induziu a realizar uma película sobre os tupamaros. A libertação, uns dias antes de sua chegada a Montevideu, do cônsul do Brasil, Dias Gomide, atraiu sua atenção sobre o funcionário americano seqüestrado com ele uns meses antes e executado pelos tupamaros, Don Anthony Mitrone. Solinas que escreveu "Queimada" e sobretudo "A batalha de Argel", foi o guia ideal para tratar este tema. Mitrone se tornou no filme um personagem real, um "agente do imperialismo", ele permitia demonstrar um dos aspectos dos mecanismos do imperialismo, por ter sido julgado por um movimento

revolucionário. Tinham assim os autores a possibilidade de mostrar sua responsabilidade com argumentos e provas reais. Essa é a estrutura do filme: o descobrimento, apoiado nos fatos, do papel e as verdadeiras responsabilidades de Mitriane. Classificando a imprensa os autores deram-se conta de que nos primeiros dias do seqüestro dos dois estrangeiros no Uruguai foram apresentados como simples diplomatas. Mais tarde, quando se referem a Mitriane não falam mais de um diplomata mas de um funcionário que está ali para ajudar o Uruguai: "para ajudar", típica imagem paternalista. E pouco a pouco fala-se de um "técnico" da AID (Agência internacional do desenvolvimento). No quinto dia depois do seqüestro, os tupamaros dão à imprensa fotocópias das carteiras que encontram com Mitriane; carteira do FBI, da polícia uruguaia. Então todo mundo começa a falar de um policial norte americano pertencente ao FBI, que está dentro da polícia uruguaia para assessorá-la. Apresenta-se ao parlamento uma interpelação sobre as funções de Mitriane. No dia seguinte Alexandre Otero, comissário da polícia encarregada do departamento de informação, declara a um periodista brasileiro que "Mitriane introduziu a tortura sistemática no Uruguai". Começaram pois por uma investigação sobre a AID e descobriram que tem uma seção uma seção dedicada à polí-

cia, que a Academia internacional de polícia de Washington é a AID, que a Aliança para o Progresso depende da AID, que muitos policiais de todos os países chamados livres, desde Grécia a América Latina, milhares deles vão cada ano à Academia. A decisão do governo americano de mudar seus métodos para melhorar a vida política e econômica do seu império consistia em evitar a intervenção armada, tratando de modificar as situações locais mediante um apoio político, econômico e policial às burguesias nacionais. A Aliança queria ser uma forma mais moderna e menos "escandalosa" de continuar a função tradicional de "gendarme". Nesta perspectiva e com estes objetivos criou Kennedy, em 1962, a Academia internacional de polícia. Mitriane chega ao Brasil para aconselhar a polícia de Belo Horizonte, núcleo da organização operária. Neste mesmo período, a tortura se torna "oficial" no Brasil, cria-se e se estende o sinistro "Esquadrão da morte", responsável de mais de 1500 assassinatos, organizam-se cursos públicos de tortura, sobre pessoas vivas diante de dezenas de militares. Conseguiram as provas de que Mitriane havia estado no Brasil justamente antes, durante e depois do golpe de estado militar que derubou o governo democrático de Goulart. E também de que esteve em Santo Domingo quando da invasão dos marines, e que depois de ter sido profes-

sor na Escola de Washington, voltou ao Brasil quando se institucionalizou a tortura. Era um personagem "exemplar".

O Uruguai viveu desde os últimos anos cinquenta uma crise que revelou uma contradição entre a tradição política do país e uma situação geral, de caráter econômico e político de crise. De fato, as "medidas de segurança, o estado de sítio (daí o nome do filme)", as militarizações dos operários das empresas nacionalizadas, se instituíram em 68, não contra os tupamaros, mas contra os sindicatos, os movimentos grevistas, e eram a expressão repressiva de uma classe que quer conservar seus privilégios. No filme aparecem dados suficientes para explicar ao público a situação da época. Por exemplo, durante o funeral de Mitrione sublinham, tal como ocorreu na realidade, que o chefe da Igreja, o bispo, não foi assistir. Tudo no filme é verdade, salvo alguns diálogos. O interrogatório de Mitrione pelo MLN, por exemplo, mas é fiel ao espírito do personagem e dos tupamaros; a polêmica entre eles, tudo se respeita até as últimas consequências. Fica ainda a pergunta: quem matou Mitrione, os tupamaros com três ou quatro balas ou o governo apoiado pela embaixada ameri-

cana, que decidiu sacrificá-lo e não libertar 150 presos políticos que um ano mais tarde se evadiam por suas próprias mãos?

Os autores publicam ainda a declaração da conferência episcopal do Uruguai de 14 de junho de 1972 denunciando as torturas, documento ainda válido para o momento atual: "Devemos ser conscientes dos perigos que implica toda atitude arbitrária. Ceder à tentação de tratar como facciosos aos que só manifestam desejos de renovação, não pode servir senão para multiplicar o número dos que se vêem atraídos pela violência. Não pode pensar-se que alguns dias de torturas vão trazer anos de paz. As confissões arrancadas pelo medo não dão a certeza da verdade e podem provocar desgraças irreparáveis. Seus eventuais êxitos momentâneos são enganosos porquanto, a longo prazo, só provocam um ódio profundo, fonte contínua e inevitável de novas violências. Não é possível ignorar a repercussão que podem ter estes fatos no seio das famílias que sofrem. É fácil comprovar os traumas, os sentimentos de rancor e os desejos de vingança que podem alimentar estas brutalidades" (pg. 195).

B. J. O.

BARBÉ, Domingos: **Fé e Ação**. Catecismo para os cristãos das comunidades de base. 76 pp., 21 x 14 cm. Edições Loyola, São Paulo, 1976.

Temos em mãos um catecismo. Catecismo: palavra que nos traz à memória os famosos livrinhos com perguntas e respostas que manuseávamos e decorávamos nos nossos tempos de infância. Na História da Igreja temos a Didaqué da Igreja primitiva. Nos anos mais recentes tornou-se importante referência o assim chamado Catecismo Holandês, ou seja "O Novo Catecismo - Fé para adultos".

O catecismo que temos em mãos, no entanto, se distingue de todos eles, por querer ser, como diz o sub-título, um catecismo para os cristãos das comunidades de base. E um catecismo, como diz o A., "para homens e mulheres adultos que querem ser batizados em nome do Senhor Jesus... foi escrito também para os cristãos missionários das comunidades eclesiais de base... empenhados numa tarefa missionária e libertadora junto aos oprimidos (grifo é nosso)" (p. 67). Ele quer ser assim um pequeno "Manual de Doutrina Cristã" que forneça uma breve síntese teológica que possa sustentar uma ação determinada. E uma tal teologia, segundo o A., "precisa ser 'inspirada' pela realidade sócio-cultural que vivemos e não apenas pelos dados permanentes da fé cristã" (p. 67).

O A. se propõe assim a correr o risco de propor, de contribuir na busca "de um verbo para dizer aos homens de hoje o que é a BOA NOTICIA do Senhor Jesus, e como, longe de abafar o Movimento de Libertação que arrasta nosso continente rumo a horizontes novos, muito pelo contrário, ele dinamiza e fortifica este movimento" (p. 68).

O A. desse pequeno guia cursou a Teologia em Paris, tendo sido lá também sua experiência primeira com o mundo operário. Trabalhou durante sete anos no subúrbio operário de Paris. Atualmente reside e trabalha na periferia da cidade de Osasco que compõe a grande São Paulo. Já foi também operário nesta mesma cidade. E autor de vários livros. "Retrato de uma Sociedade de Base". Ed. Vozes, 1971, é de sua autoria.

Uma tônica básica desse catecismo é a insistência de que o Reino de Deus é um Reino de Paz e Justiça e que esse Reino terminará com todas as injustiças e com todas as barreiras materiais (cfr. p. 13, p. ex.). O Reino será também uma coisa material, visível (cfr. p. 63). O Reino inicia nesta terra (cfr. p. 38 p. ex.).

Perpassam ainda esse resumo de doutrina cristã as grandes linhas do Movimento de Não Violência, de cujo Secretariado, aliás, o A. é membro. Assim cita bastante o texto de Mateus 5, 38-48 que explica não como aceitação do mal que o injusto comete mas "enquanto estamos 'endurecendo nossa face como o diamante' (Ez 3,9) para agüentar as brutalidades do injusto, não cansamos de repetir a este, com uma força moral cada vez maior: "você pode me brutalizar, me colocar na prisão, me matar... não vou renunciar a dizer que você está cometendo injustiça e nem vou deixar de agir para mudar esta situação. Podemos morrer, mas não vamos correr. Embora você me maltrate, eu o amo e quero que se liberte do mal ao qual está preso" (p. 20; cfr. tb. p. 29). Não cabe aqui discutir este Movimento. Mas certa ambigüidade que assume numa forte situação conflitiva, transparece nessas páginas.

Percebe-se também a preocupação do A. em evitar os exageros do Movimento Carismático, certamente respondendo à uma realidade nitidamente paulista onde este Movimento teve o seu nascimento no Brasil e reflexos na pastoral.

As ilustrações que acompanham o livro são, em geral, pobres. Parece não ter havido grande preocupação em este detalhe. Detalhe que se torna

importante quando o livro é dirigido para comunidades que em sua grande maioria se formam nas periferias e onde uma boa ilustração pode valer por muitas palavras. Boas porque sugestivas são as ilustrações nas páginas 42, 48, 57 de autoria de Ruiz de Gopegui.

Trata-se, sem dúvida, de uma obra claramente comprometida com a libertação das classes oprimidas da nossa terra. É uma contribuição válida para que o Reino do Ressuscitado cresça mais e mais. Reino, que nas palavras do A., "não é celeste, mas sim, terrestre: começa neste mundo e vai transfigurar este mundo material. Ele abrange todos os aspectos da vida humana, inclusive o aspecto social" (p. 71).

Com o A. acreditamos que está bem próximo o tempo em poderemos novamente formular, em termos riosos, na linguagem de hoje, para o homem, a boa notícia do Senhor Jesus que morreu e ressuscitou. Com o autor comungamos também a convicção de que "tal renovação virá, sem dúvida nenhuma, de uma convivência maior com a classe oprimida" (p. 73).

A LOYOLA com esse lançamento mais uma vez confirma a sua capacidade de se engajar e assim contribuir com o processo de libertação em gestação no nosso continente.

Inácio Neutzling S. J.

PROAÑO, Leônidas E.: *Concientización, evangelización, política.* (Col. Pedal 28) 186 pp., 18 x 12 cm. Ediciones Sígueme, Salamanca, Espanha - 1974.

Com sua radio alfabetizadora, com o ideal de Gandhi e as técnicas conscientizadoras de Paulo Freire, Dom Proaño, bispo de Riobamba (Equador) fez-se para alguns "tristemente" célebre. O Vaticano em várias ocasiões lhe enviou um "especialista" para ver se é "católico" o que faz. Os grandes proprietários das terras de Riobamba condenaram-no à morte. Tem mais de 60 anos, vive em comunidade com sua equipe de trabalho e trabalha pela reforma agrária, mesmo que o exército venha com os fusis disparar nas "fazendas" e morram seus militantes sindicais e cooperativistas (Vida Nueva nº 1014, pg 26). No dia 12 de agosto de 1976, o governo do Equador num fato sem precedente mandava prender os 17 bispos reunidos com outros cristãos, na casa de Dom Proaño, durante uma conferência pastoral.

Na nota introdutória diz-se que durante três dias se realizou uma reunião sobre o tema: 'Concientización - Evangelización - Política'. Tanto o número de participantes (25) como sua capacidade de reflexão, contribuíram grandemente a aprofundar no tema e a buscar as possíveis relações entre o conteúdo das três palavras mencionadas. A ninguém pode escapar a importância das rela-

ções que podem ter entre si as tarefas de conscientização, de evangelização e de ação política. Às páginas deste livro são o produto da reflexão conjunta desses três dias e da reflexão pessoal realizada antes e depois da reunião mencionada.

1. Conscientização: Como acontece com outras palavras, a palavra conscientização tem o perigo de desvalorizar-se. Frente a este perigo é necessário descobrir o sentido profundo da palavra conscientização. O próprio Paulo Freire em seu artigo "Desmitização da conscientização" nos adverte deste perigo. Analisando o fenômeno podemos encontrar **palavras subretícias** (p. 17), isto é, palavras que, utilizadas, realizam uma ação oculta de desvirtuamento e desmoronamento da dinâmica que encerra a palavra conscientização. Podemos assinalar três palavras subretícias: sensibilização, mentalização, tomada de consciência.

O processo de sensibilização começa pelos sentidos, particularmente pelos da vista e o ouvido. Vê-se uma situação e se escutam clamores. Da compaixão se passa à busca de um paliativo, o qual pode ser a doação de uma esmola em dinheiro, em roupa, em remédios. Mas não se passa disso. Detem-se naquilo que adquiriu um sentido

pejorativo e que se chama "ação caritativa".

Como sensibilizar os ricos? O ponto de partida pode ser o medo a ver lesionados os seus interesses. Não é um motivo muito nobre; mas, com muita frequência não chegam a sensibilizar-se por outro caminho. Muitos pensam que serão os pobres, quando começam a sentir-se pessoas e a reclamar seus direitos que ajudarão os ricos a sensibilizar-se. Muitos pobres também são insensíveis devido à alienação e opressão em que vivem. Como despertar a sensibilidade destes irmãos nossos insensibilizados à força da dor e de sofrimentos incontáveis? Como fazer para que em seu coração comece a nascer o amor à vida e o amor à luta? É sumamente útil o conhecimento do homem do ponto de vista antropológico, sociológico, histórico e cultural. Assim se pode descobrir quase sepultados, valores humanos que é preciso ressuscitar. Partir dos valores ou interesses vitais e motivar os homens para que eles mesmos descubram os contravalores e decidam transformá-los. Sabemos todos que o homem tem capacidade de sentir profundamente. O sentimento assim concebido enobrece o homem. Jesus Cristo sentiu compaixão, pela multidão que o seguia. Mas quando o sentimento fica só na epiderme é passageiro e não é capaz de transformar a atitude do homem. Não há trabalho de reflexão, questionamento. Não

há busca de causas e culpabilidades caindo no assistencialismo.

O objetivo da mentalização é levar um conjunto de idéias aos demais para que sejam aceitas. Na conferência de Medellín a ambientação preparava o ânimo para a mentalização, uma preparação para uma adoção de atitudes de mudança. A mentalização pode conseguir a difusão de idéias novas. O perigo está em ficar na pura posse de idéias e doutrinas. Acaso não é corrente escutar queixas contra os bispos que participaram na conferência de Medellín, porque aprovaram com seu voto os documentos que não são levados à prática? Não é a mesma coisa estar mentalizado que ter mudado de mentalidade. A pessoa que se mentalizou fica na teoria. Desde este ponto de vista a mentalização é uma palavra subreptícia. Pode enganar-nos fazendo-nos crer que mentalização é o mesmo que conscientização ou que é o mesmo que mudança de mentalidade. O homem mentalizado corre o perigo de deter-se no processo, a covardia pode paralisar o processo. Tudo o que significa mudança reclama uma porcentagem de risco. Junto com o medo ao risco, encontra-se o medo a perder os benefícios de que gozamos, a prejudicar nosso amor à comodidade. A mudança de mentalidade é uma transformação profunda, não somente é aquisição de idéias: é mudança do coração, conversão. Esta

transformação se torna evidente com o compromisso. Todo compromisso traz consigo o risco.

Entre as palavras subretícias está "tomada de consciência". Esta frase é subretícia porque muitos a empregam indistintamente querendo significar a conscientização. Sem dúvida, "tomada de consciência" não é o mesmo que conscientização. Tomada de consciência é a faculdade espontânea que tem todo homem de perceber a realidade que o rodeia, de dar-se conta da existência das coisas, dos homens e de si mesmo. A tomada de consciência leva consigo certa dose de raciocínio na busca de causas e conseqüências mais imediatas. Deste ponto de vista a tomada de consciência tem afinidade com a mentalização. A mentalização mantém fechado o processo, isto é, não leva o homem à ação. A tomada de consciência leva a realizar certas ações sem objetivo e sem coordenação: por esta razão, a tomada de consciência pode desembocar em ativismo, muito elogiado por aqueles que tem uma mentalidade desenvolvimentista. A simples tomada de consciência pode deixar o homem em estado de consciência mágica.

Conscientização é o processo pelo qual o homem se torna sujeito ativo da transformação do mundo em que vive mediante o dinamismo "reflexão-ação, ação-reflexão". É a consciência de que o homem é homem, a

consciência do mundo, a consciência dos outros homens até chegar a um compromisso de transformação do mundo para o bem comum. É a capacidade crítica e criadora que pode adquirir o homem para ser assim sujeito ativo.

2. Evangelização: O que tem a ver a conscientização com a evangelização? É possível evangelizar sem ter conscientizado a alguém?

Evangelizar é proclamar uma boa notícia, a boa notícia da salvação trazida por Cristo aos homens. Para que essa boa notícia seja em realidade boa notícia tem que chegar ao homem que vive submerso em uma determinada situação de pecado ou seja acorrentado por escravidões. Se dizemos que a boa notícia é Jesus Cristo ressuscitado isto quer dizer que Jesus Cristo vive e atua hoje, que ele fala de acordo aos problemas que estamos vivendo em cada hoje de nossa vida. Por isto Jesus Cristo é palavra viva, palavra que converte, palavra que transforma. Se Jesus Cristo é a palavra de amor do Pai que nos chama à comunhão com ele e com os demais homens, é porque Jesus Cristo restaurou em si mesmo essa comunhão com o Pai e com os demais homens.

Se a evangelização não liberta já não é evangelização. Quando muito será um remendo. A evangelização é libertadora, pela mesma razão de que

Cristo é o único e grande libertador dos homens. A salvação deve fazer-se palpável no tempo até que tenha sua culminação no reino futuro. A libertação é cada etapa no caminho para a salvação definitiva. Por isto se pode afirmar que cada vez que nos libertamos de uma série de escravidões vigentes em uma época da história nos aproximamos da salvação definitiva. Cristo veio proclamar a libertação a todos os homens, mas particularmente aos pobres. Ele veio proclamar a libertação aos oprimidos. Quem aceita de verdade o evangelho tem que lutar para que os oprimidos se libertem de suas opressões e assim os oprimidos libertem aos opressores de sua condição de opressores. Solidariza-se com os oprimidos, denuncia as opressões produzidas pelos opressores, provocando o desprendimento de suas riquezas e esta é a forma de expressão do amor em relação com aqueles que se casaram com os poderes deste mundo que são poderes de pecado. É obra de amor que aspira que os oprimidos não se transformem em novos opressores. Com a missão profética, a igreja recebeu a missão de denunciar toda a injustiça, toda a ambição todas as perversões introduzidas pelo pecado. Mas se somos sinceros, descobrimos que também na Igreja se cometem injustiças, que também na igreja se introduziu o reino do pecado. Como levantar então a voz para condenar as injustiças e o peca-

do em outros? Essa sinceridade deve levar-nos a denunciar a nós mesmos, ou seja denunciar o pecado que está em nós. Devemos tender com todas as nossas forças a construir uma igreja mais autêntica. Seguindo o pensamento de Paulo Freire, a denúncia deve seguir o anúncio. Isto quer dizer que devemos apresentar também em toda a sua beleza o que é a ressurreição e a vida, o que é uma sociedade nova, o que é uma sociedade mais justa. Também devemos anunciar todos os valores que o homem mantém, todas as suas capacidades, todos os seus impulsos generosos, todas as suas aspirações.

Tanto o objetivo da conscientização como o da evangelização é a libertação do homem. Este é o ponto de contato. Mas depende da dimensão que se dê à palavra libertação quando se conscientiza e quando se evangeliza. A evangelização tende à libertação total do homem e do mundo. A conscientização pode perfeitamente ser evangelizadora da mesma maneira como a evangelização está chamada a ser conscientizadora. Se a evangelização não conscientiza não é autêntica e pode ser alienante. Se a evangelização continuasse estabelecendo dualismos, isto é, separando o mundo material do mundo espiritual, a tarefa temporal da tarefa da salvação, essa evangelização não seria autêntica. Se a evangelização não levasse a que os homens se comprometessem com

a transformação do mundo não seria autêntica.

3. Política: O processo de conscientização leva à politização. Se falamos da construção de um mundo novo, de uma sociedade nova e de um homem novo é porque o homem consciente descobre que tem de ser o construtor desse mundo novo, dessa sociedade nova, desse homem novo. A política tem como objetivo o bem comum público. Bem comum público é transformar o mundo para o serviço de todos os homens. Bem comum público é transformar a sociedade para que haja mais igualdade mais verdade, mais justiça, mais espírito comunitário. O oferecimento da mensagem salvadora convida o homem à fé como compromisso com Cristo Salvador e com os homens para realizar, através da história, a libertação de todos. A evangelização inofensiva veio a ser cúmplice para a permanência e fortalecimento dos sistemas de opressão e de pecado. A evangelização desemboca desta maneira na política. Podemos afirmar que é possível uma politização por dois caminhos: por parte da conscientização e por parte da evangelização. Sem dúvida a conscientização pode levar a uma determinada forma de politização e a evangelização a uma forma distinta e mais ampla.

A Igreja ierárquica se pronunciou em diversas ocasiões sobre assuntos que entram no

conteúdo da política. As encíclicas papais escritas desde Leão XIII até Paulo VI sobre questões sociais são uma comprovação, muitos dos documentos aprovados no Conc. Vat. II, os documentos de Medellín, aprovados pela santa sê. Ai são enfocados temas políticos, tais como o problema do trabalho, do salário, da igualdade entre os homens e a justiça social, do destino dos bens da terra. Deste ponto de vista a igreja participou de fato na política. Outro fato é que a mesma igreja ierárquica optou por estar de acordo com o que se chama "ordem estabelecida". Também é necessário assinalar que em outras ocasiões esta mesma igreja guardou "um prudente silêncio", para não perturbar a paz, frente a fatos injustos e dolorosos. Por estas razões, foi acusada de aliada com os poderes deste mundo. Há atualmente outro fenômeno em relação com a política. Sacerdotes, religiosas e religiosos e ainda alguns bispos se comprometeram abertamente com as classes sociais dominadas em oposição às classes dominantes. Quem não recorda o nome de Camilo Torres? Quem não tem presente a reunião realizada em Santiago do Chile pelos sacerdotes com o título cristãos para o socialismo?

Com seus documentos sociais, a igreja pretendeu contribuir ao bem comum. Isso mostra que a igreja participou e participa em política. Na página

173 o autor afirma "A igreja recebeu de seu fundador a missão de pregar o evangelho isto é, de proclamar a boa nova de salvação a todos os homens. Esta simples lembrança nos faz ver claramente que a igreja não pode comprometer-se com uma **ideologia**". Pergunto: o que o autor entende aqui por ideologia? As encíclicas sociais não são também ideologia uma vez que não são simplesmente ex-

pressões da fé, mas aplicações dessa fé a circunstâncias, setores ou lugares determinados? "A fé sem as obras é morta", não poderíamos parafraseando dizer igualmente que a fé sem ideologias está morta? A fé sem ideologias não seria justamente falta de fé, assim como a fé sem obras é falta de fé?

Balduino José Ody, S. J.

AUGER, Lucien: Ajudar-se a si mesmo. Uma psicoterapia pela Razão. Tradução do original francês de Maria Leite. 140 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1977.

"Ajudar-se a si mesmo" é, como diz o subtítulo do livro, uma "Psicoterapia pela Razão". O autor pretende apresentar uma teoria e confirmá-la através de fatos de seu trabalho psicoterápico, na qual quer mostrar que a superação das emoções e estados interiores desagradáveis são superados pela superação das idéias irrealistas que a pessoa vive, segundo as quais se orienta. O homem vive dois tipos de emoções: agradáveis umas, desagradáveis outras. Deveria procurar aumentar as agradáveis e diminuir as desagradáveis. Como fazê-lo? Procurando remover suas causas. Estas podem ser de tipo fisiológico, social e mental. O modo de superação das emoções são da mesma natureza. O autor vai insistir no terceiro modo de controlar as emoções, principal-

mente as desagradáveis, isto é, através da razão. No capítulo segundo do livro o autor expõe a tese fundamental: as idéias, os pensamentos irrealistas e falsos são a causa das sensações e percepções desagradáveis. Segue-se que a cura deverá provir na superação dessas idéias irrealistas, confrontando-as com a realidade objetiva. Na medida em que a pessoa conseguir modificar as idéias irrealistas, conseguirá superar seus estados internos de conflito. Do capítulo quinto em diante apresenta uma série dessas idéias irrealistas e tenta mostrar, com fatos concretos de sua experiência, a veracidade da tese.

O livro pode ajudar a muitos que vivem angustiados, ansiosos e cheios de temores falsos. Gostaríamos, no entanto, de fazer uma pergunta, que nos pa-

rece fundamental. Será que o autor não está baseando seu trabalho, de "Psicoterapia pela Razão", no pressuposto duma "Psicoterapia pelo sentimento"? O trabalho consciente que desenvolve é no sentido de ajudar a pessoa a modificar as idéias irrealistas, confrontando-as com a realidade objetiva. Mas, enquanto ele confronta as idéias com a realidade, tem diante de si o cliente num determinado estado emotivo. Esse

estado emotivo não se irá modificando através da atitude, da presença do terapeuta, de sua aceitação humana, em maior profundidade, e daí conseguir modificar suas idéias, em vez do que afirmar o inverso? Não será precisamente a mudança do estado emotivo que vai possibilitando a mudança das idéias irrealistas?

Isidro Sallet S. J.

MACHADO, Cônego João Corrêa: **Aparecida, na História e na Literatura**. 850 pp., 24 x 16 cm. Edição do autor. Campinas, Cx. P. 267, São Paulo, 1977.

Graças a Deus, toda a documentação referente a Aparições está sendo passada pelo crivo da mais rigorosa crítica histórica. Por exemplo, toda a série das importantes MARIOFANIAS, que começa com as aparições da "rue du Bac" (1830), Paris, da Medalha Milagrosa, até as de Banneux Bélgica (1933). Acho que todos conhecem os magistrais estudos históricos consagrados pelo Pe. René Laurentin a Lourdes, em colaboração com Dom Billet Bernard ("Lourdes, Documents authentiques", 7 volumes, 1558 - 1866, Lethielleux et Oeuvre de la Grotte, 1959-1966). Sobre Pontmain (1871), do mesmo Laurentin, em colaboração com A. Durand ("Pontmain. Histoire authentique", Paris, Lethielleux, 1970, 3 tomos). Ainda do mesmo autor,

conjuntamente com P. Roche, C. M. ("Catherine Labouré et la Médaille Miraculeuse. Documents authentiques, 1830-1876". Paris, Lethielleux, 1976, 21 x 14, 400 pgs). Sobre "La Salette", conheço apenas o 1º volume de uma série, intitulada "Documents pour servir à l'histoire réelle de LA SALETTE" (1846), Nouvelles Editions Latines, Paris, 1963. Sobre Pellevoisin (1871), um grupo de pesquisadores dirigido pelo Vigário Geral da Diocese de Bourges, Mons. A. Girard, publicou: "Pellevoisin: Un Centenaire. Estelle nous parle..." Edição do "Monastère des Dominicaines" de Pellevoisin, Buzançais, 1976; é o 1º também de uma série. Sobre Fátima, a revisão está sendo orientada pelo Pe. Joaquim-Maria Alonso, C.M.F. Diretor da

revista internacional de Mariologia: "EPHEMERIDES MARIOLOGICAE". Já selecionou a abundante documentação em 17 volumes, dos quais apenas poucos foram publicados, como, por exemplo, "La verdad sobre el secreto de Fátima. Fátima sin mitos", do "Cor Mariae Centrum", Madrid, 1976, 119 pgs., etc. Sobre "Saint-Bauzille-de-la-Sylve", novamente Laurentin e Billet...

APARECIDA está entrando, também, nessa corrente sadia e arejada. Por ora é apenas coleta de material, obra mais de historiografia. Mas indispensável. Vem preencher grave lacuna na literatura sobre a história e o culto de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira principal do Brasil. É a obra que estamos apresentando.

Um preâmbulo dá as "Fontes de Estudos": redatores da História de Aparecida, manuscritos na Cúria, impressos sob o tema, patrimônio do Museu e a Padroeira do Brasil na Filatelia. E aqui, transcrevendo um artigo de seu irmão, Pe. Gil Corrêa Machado, S. J., o autor presta-lhe sentida homenagem (pg. XXIV): "Desejamos lembrar aos interessados, que o autor desta página, falecido a 3 de dezembro de 1973, no Rio de Janeiro, deixou em mãos do R. Padre Provincial da Companhia de Jesus o mais precioso e completo Album de Selos — todos os selos de Nossa Senhora no mundo inteiro! Nessa maravilho-

sa coletânea ele, zelosamente, nos apresenta — em selos — toda a História da Vida e Aparições da Mãe de Jesus e, em selos, também toda a Doutrina sobre a Devoção Mariana na Igreja. Ao meu mano, Padre Gil, perpetuando nesta página a sua santa memória, toda a minha gratidão! Que suas bênçãos, agora bem junto da Mãe de Deus e Nossa na glória do Céu, desçam mais copiosas ainda sobre mim e sobre todos os que lerem esta "Antologia Aparecidiana", como ele assim a denominava e ansiosamente esperava vê-la concluída".

No proêmio, a Cidade de Aparecida, sua criação, projeção nacional, sua origem e seu desenvolvimento. Seus títulos: Abençoado Recanto. Estância de Maria no Brasil. Pérola Preciosa. Centro do Brasil Católico. Oásis de Paz. Penhor de Unidade Nacional. Santuário da Pátria. Capital da Fé. E Terra de Nossa Senhora.

A obra está dividida em três livros.

O livro primeiro trata da "história do culto à Padroeira": sua pessoa, sua imagem, seu culto. Capítulo 1º: 1500 a 1581: "Desde o Descobrimento: NOSSA ESPERANÇA". Cap. 2º: 1581-1707: "No Brasil Colônia: A PADROEIRA". Cap. 3º: 1707-1807: "Na epopéia das bandeiras: APARECIDA!" Cap. 4º: 1807-1889: "No Brasil Império: SOBERANA!" Cap. 5º: Desde 1889 aos nossos dias: "No Brasil República: SEMPRE RAINHA!"

Epílogo: O Santuário de Aparecida na História.

O livro segundo, é uma "coleânea de poesias", em número de 100, por ordem cronológica, desde 1756. O terceiro apresenta páginas literárias (extrato de publicações), em número de 92.

Como apêndice, RITUAL DO CULTO À APARECIDA.

Como se vê, uma obra indispensável em qualquer biblioteca, sobretudo nas marianas e na das associações dedicadas especialmente à Virgem Sma.

Valério Alberton, S. J.

FERRER BENIMELI, S. J., José A.: *Masoneria. Iglesia e Ilustración*. Tomo I: "Las bases de un conflicto (1700-1739)", 1975, 440 pgs. Tomo II: "Inquisición: PROCESOS HISTORICOS (1739-1750)", 1976, 546 pgs. Tomo III: "Institucionalización del conflicto (1751-1800)", 1977, 726 pgs. O tomo IV, que ainda não saiu, intitula-se, "La otra cara del conflicto. Conclusiones y bibliografía". 24 x 17, edição da "Fundación Universitaria Española", Madrid (Seminario Cisneros).

O autor é o já muito conhecido, nos meios especializados no assunto, maçónólogo espanhol, pelas suas obras anteriores: "La Masonería después del Concilio" (Editorial AHR, León XIII, 24, Barcelona, 1968); "Masonería e Inquisición en Latinoamérica durante el siglo XVIII" (Edição da "Universidad Católica "Andrés Bello", Caracas, 1973); "La Masonería española en el siglo XVIII (Madrid); "Bibliografía de la Masonería. Introduccion Historico-Critica, 1974, (da "Universidad Católica "Andrés Bello", de Caracas, e da "Universidad de Zaragoza"); "Los Archivos Secretos Vaticanos y la Masonería" (Caracas, 1975), etc.

A tese em recensão, atualizada agora, foi defendida, brilhantemente, no dia 29 de fevereiro de 1972, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Saragoça, sob o título, "Historia de la Masonería española en el siglo XVIII. Relaciones entre la Iglesia Católica y la Masonería". Obteve a qualificação de "Sobresaliente cum laude y Premio extraordinario de doctorado", correspondente ao curso acadêmico de 1971-72, concedida por unanimidade (cf. "Bio-Noticias" da Companhia de Jesus, da Província de Aragón, Valência, nº de maio de 1973, pg. 4).

Ferrer Benimeli é professor de História Contemporânea na

Universidade de Saragoça, membro honorário do Instituto de Investigações Históricas da Universidade "Andrés Bello", de Caracas, membro correspondente do "Institut des Hautes Études et de Recherches Maçonniques en Sciences Humaines", de Paris, e conselheiro numerário do Instituto de Estudos Oscenses.

Os dicionários maçônicos mais recentes já o citam com muito respeito, como, por exemplo, o "Dictionnaire de la Franc-Maçonnerie et des Francs-Maçons", de Alec Mellor (Sciences Secrètes – Éditions Pierre Belfond, 10, rue du Regard, Paris 6e, 1971), o "Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia", em 4 volumes, de Nicola Aslan (Editora Artenova, S.A., RJ, 1974-1976), etc.

A. Echánove, na revista jesuítica "Razón y Fe" de Madrid (em seu nº 954-955, de julho-agosto de 1977, pgs. 992 s.), fazendo a recensão dos dois primeiros volumes da referida tese, afirma:

"Provavelmente esta obra será, de agora em diante, a obra mais obrigatória para se estudar e entender o problema da Ma-

çonaria... Pouco podemos dizer que não seja conhecido em elogio à competência, ao rigor metodológico e à personalidade de Ferrer Benimeli, sem dúvida o melhor especialista em Maçonaria que hoje possui a Espanha". Nicola Aslan, indubitavelmente um grande maçónologo patriótico, autor de várias obras sobre sua especialidade, a começar pelo Grande Dicionário que citei, não hesita em classificá-lo como o MAIOR MAÇONOLOGO DO MUNDO.

Por isto mesmo, a tese em questão é indispensável em qualquer biblioteca, sobretudo de nossas universidades, católicas ou leigas, porque todo estudo que se fizer, nesse terreno, será incompleto e mesmo falho, se não se consultar Ferrer Benimeli.

Como a Fundação Universitária Espanhola não tem finalidade lucrativa, aceita livros, mesmo usados, em troca de suas publicações. Os três volumes já editados custam 1.700 pesetas mais o porte. Tudo em torno de Cr\$ 350,00. É fácil, pois, obtê-los.

Valério Alberton S. J.